



VISÃO DO CORREIO

Machismo assassino

Além do luto, pela morte de mais de meio milhão de brasileiros, a pandemia deixa um rastro de sequelas sociais, econômicas e o aumento da violência doméstica. Em meio à maior crise sanitária do século, em 2020, 1.338 mulheres foram executadas pelo ex ou atual companheiro. O maior aumento de casos foi constatado nas regiões Norte (37%) e Centro-Oeste (14%). Na capital da República, nos primeiros seis meses deste ano, ocorreram 16 feminicídios. Embora a punição para esse crime hediondo seja mais severa, ela não inibe a agressão letal, motivada por uma questão de gênero — a vítima é morta só por ser mulher.

O ato extremo contra as mulheres é precedido de uma série de outras expressões de violência, como ofensa verbal (18,6% ou 13 milhões), agressões físicas (6,3% ou 4,3 milhões), ofensa ou tentativa forçada de relação sexual (5,4% ou 3,7 milhões), ameaça com faca ou arma fogo (3,1% ou 2,1 milhões), espancamento ou tentativa de estrangulamento (2,4% ou 1,6 milhão), revela o estudo do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, com base em dados coletados nos estados. Os números, apesar de chocantes, não correspondem à realidade. O estudo mostra que 45% das vítimas não recorreram a nenhum serviço oferecido pelo poder público, o que indica alto percentual de subnotificação em todo país.

A falta de autonomia, seja por perda do emprego, seja pela impossibilidade de trabalhar e ter renda, é o fator que mais pesa na suposta inércia de pouco mais de 25% das vítimas; 22% buscaram socorro na família; 12% denunciaram as agressões à De-

legacia da Mulher; 5,6% não acreditam nas instituições; e apenas 2% pediram ajuda por meio do Disque 180 (Central de Atendimento à Mulher).

Em todos os casos, o patriarcalismo e o machismo são os gatilhos para as tragédias que marcam o universo feminino. Esse comportamento é reforçado, historicamente, pela depreciação do papel da mulher na sociedade — uma deformidade relacionada à falta de uma educação que valorize a equidade de gênero. “É uma cultura que dá alta legitimidade aos homens para domesticar as mulheres e moldá-las de acordo com seus padrões e referências, e se necessário, matá-las”, afirma Télia Negrão, jornalista, mestre em ciência política, e integrante da Rede de Saúde das Mulheres Latinoamericanas e do Caribe/RSMAC.

É indispensável o agravamento da punição aos agressores, a partir da revisão da Lei Maria da Penha, mas insuficiente para conter a violência contra as mulheres. Ao poder público, inclusive às forças de segurança e ao Judiciário, cabe promover campanhas mais enfáticas sobre os direitos das mulheres e apontar para os homens danos causados pelo machismo. A mudança passa necessariamente pela educação, para desconstruir a ideia de que os homens são seres superiores e, portanto, responsáveis por ditar o destino das mulheres, coisificadas pelo universo masculino. Tanto no ambiente doméstico e escolar quanto no espaço profissional, no qual a mulher é comumente desvalorizada, o respeito entre os gêneros deve preponderar. Onde falta educação e respeito, a incivilidade e a barbárie são dominantes.



>> Sr. Redator

Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Marco Aurélio

Bela e justa homenagem do *Correio Braziliense* (7/7) ao ministro Marco Aurélio Mello, que no próximo dia 12 completa 75 anos de idade e se aposenta do STF. Função que durante 31 anos exerceu com dignidade, coragem, isenção, competência e patriotismo. Respeitando a Constituição e com profundo respeito às liberdades individuais.

» **Vicente Limongi Netto**, Lago Norte

Blefe?

Como pensou recentemente a sábia Dona Dita, se o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) não tem como provar que o presidente Bolsonaro está blefando quando afirma que venceu a eleição de 2018 no primeiro turno, como é que ficamos? Nesse caso, o ônus da prova se inverte, pois é o tribunal que detém todos os elementos para desmentir o presidente. Por que não o faz de uma vez por todas? Eis a pergunta que não quer calar.

» **Joares Antônio Caovilla**, Asa Norte

» No Brasil, é praxe considerar o carisma um ativo no capital político de candidatos a cargos majoritários. É visto pelo eleitorado como um bom atributo, embora não imprescindível, conforme atestaram as duas vitórias de Fernando Henrique em primeiro turno. Contariam como regra as derrotas de José Serra e Geraldo Alckmin para a Presidência, caso não tivessem sido eleitos governadores em São Paulo e perdido a disputa nacional para Dilma Rousseff, nota zero no quesito magnetismo pessoal. É relativo, portanto, o valor do fascínio, algo inexplicável exercido sobre o eleitorado, embora tal fator tenha peso nas disputas eleitorais. Disso dão notícia as licenças obtidas por Fernando Collor, Luiz Inácio da Silva e Jair Bolsonaro para dar expediente no Palácio do Planalto. Os supostos e ditos pretendentes a chefe da nação, caracterizam-se pela vulgaridade na linguagem, nos excessos cometidos em nome da informalidade de modo a transparecer autenticidade, o que, ao mesmo tempo, lhes confere uma autoconfiança inesgotável. Do ego hipertrofiado emerge a intolerância ao contraditório e se estabelece a dinâmica da atuação via confronto permanente. Costumam cultivar mitologia em torno de si, sustentados numa biografia que nem sempre conta a verdade completa. Alimentam fantasias persecutórias de modo a ativar desejos de desmontes de alegadas conspirações. No primeiro momento, dizem o que a maioria quer ouvir. No segundo, exacerbam sentimentos e, finalmente, ocupam todos os espaços com um falatório sem importância, embora atrativo para os opositores, a fim de distrair o público, que, assim, estaria afastado do debate sobre os problemas concretos, imobilizado quanto a cobranças de governo eficaz. Todos eles manifestam horror à imprensa livre, ao mesmo tempo que recorrem sistematicamente a ela para se manter populares. A dinâmica desse tipo é manter-se permanentemente como centro das atenções, para o bem ou para o mal.

» **Renato Mendes Prestes**, Águas Claras

Desabafo

>> Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Eu quero saber é se no jantar entre o diretor do Ministério da Saúde e o vendedor de vacinas, o garçom recebeu os 10%...

Vital Ramos de Vasconcelos Júnior — Jardim Botânico

Mais feminicídios com arma de fogo. Viva o governo que desmonta o Estatuto do Desarmamento, para garantir sangue no asfalto.

Giovanna Gouveia — Águas Claras

Se, além dos Correios, privatizarem a Petrobras, a Caixa e o BNDES, é provável que Lula desista de disputar a Presidência em 2022. Fica a dica!

Ricardo Santoro — Lago Sul

Omar só não foi preso em razão de seu mandato no Senado. Prisão por prisão, o placar está em 4 X 1, sendo 4 as prisões decretadas contra os Azzizes e 1 a prisão da primomima da CPI do Circo. Se recorrer ao VAR, o placar passa para 5 x 1, com a prisão do próprio Omar, que prefere andar por maus caminhos.

» **Milton Cordova Junior**, Vicente Pires

CPI da Pandemia

Se comprovado o envolvimento do oficialato das Forças Armadas em corrupção envolvendo vacinas, em plena pandemia, com mais de meio milhão de mortos no Brasil, isso fará crer que essa gente vil e incompassiva, em uma eventual agressão militar estrangeira ao país, em vez de cumprir seu papel constitucional de “defesa da pátria”, se reunirá de forma sorrateira e entreguista com o inimigo só para indagar: “quer pagar quanto?” Bolsonaro é um rei Midas às avessas, tudo o que ele toca vira escória.

» **Túlio Marco Soares Carvalho**, Belo Horizonte (MG)

» A servidora pública Regina Célia prestou depoimento à CPI da pandemia. Regina é fiscal de contratos de aquisições de vacinas, entre outros insumos. Regina fiscalizou o contrato de compra da vacina Covaxin, para o fornecimento de 20 milhões de doses. Segundo Regina, o papel do fiscal de contrato no ministério da Saúde é ser responsável pela contratação e acompanhamento da execução do contrato. A funcionária do quarto escalão autorizou a redução da quantidade de doses no primeiro envio, sem a autorização de alguém do primeiro, segundo ou terceiro escalões. Qual é o motivo pelo qual os três primeiros escalões do ministério da Saúde não se responsabilizam por contratos tão importantes para salvar vidas dos brasileiros?

» **José Carlos Saraiva da Costa**, Belo Horizonte



CIDA BARBOSA
cidabarbosa.df@dabr.com.br

Festival de cinismo

Henry Borel, de 4 anos, vivia aterrorizado, sofreu seguidas sessões de tortura e foi brutalmente assassinado, mas a vítima, na verdade, é a “coitada” da mãe dele. Presa desde abril como cúmplice do massacre do filho, ela repete o discurso cínico de criminosos e se declara injustiçada no caso hediondo.

A entrevista que a mulher deu ao portal UOL, publicada nesta semana, é de uma desfaçatez impressionante. Ela se disse “destruída” pela falta do filho. Não. Destruiu foi Henry, que sofreu 23 lesões provocadas pelo demônio covarde com quem ela vivia. Também afirmou que a vida dela “acabou”. Não. A vida acabou somente para o menino, e de forma cruel. A sessão de espancamento que sofreu provocou hemorragia interna e rompimento do fígado, como mostra o laudo da necropsia.

A presidiária chorou na entrevista. Mas quem chorou de verdade, por diversas vezes — um choro sentido de pavor e dor —, foi Henry. O martírio dele, no entanto, acabou ignorado.

A mulher chegou a questionar “como poderia imaginar” que a besta com quem vivia “tinha um plano tão diabólico, de tirar o meu filho de mim?” De fato, quem chegaria à conclusão de que o sádico que torturava o garotinho terminaria um dia por trucidá-lo?

Na narrativa ao portal, reclamou que a mídia a “colocou numa situação muito difí-

cil, porque me demonizaram como se eu fosse coautora dos atos contra meu filho”. A mídia? Ela foi indiciada, assim como o outro monstro, por homicídio triplamente qualificado, tortura, fraude processual e coação.

Há mais: afirmou que “demonizaram uma mãe vítima do próprio companheiro”. Um companheiro, diga-se, que ela tentou proteger em depoimento à polícia, alegando ter sido um acidente a morte do filho. Um companheiro que — segundo ela sustentou aos investigadores — não agredia a criança.

A detenta também contou, na entrevista, que, após a morte de Henry, passou a tomar antidepressivo e ansiolítico. Mas essa mulher que se coloca como enlutada foi a um salão de beleza logo após o enterro do filho — fez as unhas dos pés e das mãos e escovou o cabelo. É a mesma mulher que, antes de depor, experimentou vários looks, para tentar encontrar o ideal. A mesma que fez uma selfie na delegacia na qual aparece relaxada, com os pés sobre uma cadeira e sorrindo.

A cínica também disse que “foi a melhor mãe que meu filho poderia ter”. E contou que quer parir novamente. Uma grave ameaça, que, espero, não se concretize. Uma criatura assim — que não agiu para proteger uma criança indefesa, seu próprio filho, e tentou livrar o homicida — jamais deveria ter a capacidade de conceber uma vida novamente.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
 É se mais mundo houera, lá chegara”
 Camões, e, VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA Diretor Presidente	GUILHERME AUGUSTO MACHADO Vice-Presidente executivo
Ana Dubeux Diretora de Redação	Paulo Cesar Marques Diretor de Comercialização e Marketing
	Leonardo Guilherme Lourenço Moisés Diretor Financeiro

Plácido Fernandes Vieira e Vicente Nunes
Editores executivos

CORPORATIVO
Josemar Gimenez
 Vice-presidente de Negócios Corporativos

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214.1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732 - Prndar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/SP Tel: (11) 3372-4022 E-mail: sociados@uaigiga.com.br Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalfil@uaigiga.com.br REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo - Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiaabras.com.br Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 608 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hmr@hrmmultimidia.com.br Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Exito Representações - Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C.2, Jardim Planalto - CEP: 74333-140, Goiânia-GO - Telefones: 62 3085-4770 e 62 98142-6119. Brasília: Sá Publicidade e Representações, SCs Qda G2, Bl. D - 1º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-940 - Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@sapublicidade.com.br Região Norte - Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
 Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Noticiosa Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press. Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
 Assinante/leitor/ classificados: 3342-1100

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	REG a DOM
DF/GO	RS 3,00	RS 5,00	RS 789,88 360 EDIÇÕES (promocional)

* Preços válidos para todos os estados.
 Consulte a Central de Relacionamento (3342-1100) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia
 Atendimento personalizado para pesquisa em jornais e cópias:
 SIC Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF, de segunda a sexta, das 13h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
 Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 18h/sábados, das 14h às 21h
 Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568 / 0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595.
 E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br